

AS CARTAS DO LEITOR E O ENSINO DE LÍNGUA MATERNA

Regina Demeterko Stadykoski¹

RESUMO:

O presente artigo tem como objetivo discutir o ensino de língua materna por meio do gênero Cartas do Leitor. Este gênero textual propicia a interação dos alunos com os meios de comunicação e permite a realização de atividades de leitura, interpretação e produção textual com reais funções sociais. Além disso, possibilita a discussão de temas da atualidade e incentiva a adoção de uma postura crítica diante dos fatos. Dessa forma, os alunos podem se colocar como verdadeiros interlocutores, concretizando práticas de leitura e escrita diversas, uma vez que através das cartas podem argumentar, comunicar-se, opinar e elaborar críticas sobre determinados assuntos.

Palavras chave: Cartas do leitor. Gênero textual. Ensino de língua portuguesa.

Key words: Reader's Letter, textual genre, Portuguese language teaching.

Abstract

The present article has as objective to argue the teaching of the native language materna through the Reader's Letters genre. This textual genre propitiates the interaction of the students with the media and allows the accomplishment of activities of reading, interpretation and textual production with real social functions. Besides, it makes possible the discussion of actual subjects and the adoption of a critical position of the facts. This way, the students can place themselves as true interlocutors, materializing several reading practice, once that through the letters can argue, debate, think and elaborate critical about certain subjects.

¹ Professora participante do Programa de Desenvolvimento Educacional/ SEED/PR e UNICENTRO.

Graduada em Letras pela Faculdade de Ciências e Letras de Irati e pós-graduada em Reflexão Descrição da Língua Portuguesa pela Universidade do Centro-Oeste UNICENTRO.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo principal discutir as contribuições do gênero *Cartas do Leitor* para o ensino-aprendizagem da língua materna. Esse gênero possibilita uma interação real dos alunos com os meios de comunicação da mídia escrita (revistas e jornais) e permite o desenvolvimento de habilidades lingüísticas variadas.

Autores como Bakhtin (1986, 1992, 1997, 2002), Marcuschi (2001, 2003, 2005, 2006) e Bezerra (2005) constituem a base teórica desta pesquisa.

Este trabalho está dividido em quatro partes. Primeiramente, é feita uma fundamentação teórica sobre os gêneros textuais. A relação entre gêneros e ensino de língua portuguesa é discutida na segunda parte. A seguir, na terceira seção, as discussões sobre o gênero textual *Cartas do Leitor* são aprofundadas. Por fim, é apresentada uma análise de atividades com *cartas do leitor* de livros didáticos.

2 GÊNEROS TEXTUAIS

Bakhtin (1986) afirma que é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum gênero, assim como é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum texto. “A comunicação verbal só é possível por algum gênero textual”. (BAKHTIN, 1997).

A partir de Bakhtin (1986), o gênero é pensado como um evento recorrente de comunicação em que a atividade humana é mediada pela linguagem. Segundo Marcuschi “os gêneros são ações sócio-discursivas para agir sobre o mundo e dizer o mundo”. (2002, p.22).

Segundo Faraco e Tezza (2001), gêneros são amostras da linguagem elucidadas por características formais repetitivas e correlacionadas a diferentes atividades sócio-culturais. Assim, as palavras, as frases, enfim tudo o que lemos ou escrevemos constitui um gênero, no qual se atribui um valor, função ou papel social.

Para Marcuschi (2001, p. 13), gênero textual é:

Uma forma concretamente realizada e encontrada nos diversos textos empíricos. Isso se expressa em designações diversas, constituindo um princípio de listagens abertas, tais como: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem jornalística, aula, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, instruções de uso, outdoor, etc, são textos historicamente situados. Sua definição não é lingüística, mas de natureza sócio-comunicativa.

Segundo Marcuschi (2005), o gênero é essencialmente flexível, assim como a linguagem. A língua varia, os gêneros também adaptam-se, renovam-se, multiplicam-se. A tendência hoje, é analisar os gêneros pelo seu lado dinâmico, processual, social, interativo, cognitivo, evitando uma classificação estrutural.

Para Bakhtin (1992), todos os textos produzidos orais e escritos, apresentam características relativamente estáveis. Isso significa que nem sempre é possível submeter um texto a uma classificação estrutural única, pois há uma infinidade de possibilidades de produção de gêneros determinada pela variedade de esferas da atividade humana. Essas características configuram diferentes textos ou gêneros do discurso.

Segundo Meurer, “gênero textual é um tipo específico de texto, caracterizado e reconhecido pela função específica, pela organização retórica, mais ou menos típica e pelo contexto onde é utilizado”. (MEURER, p.160).

Quando estamos numa situação de interação verbal, a escolha de um gênero não é aleatória, pois leva em conta uma porção de coerções dadas pela própria situação de comunicação: quem fala, sobre o que fala, com quem fala, com qual finalidade. Todos esses elementos condicionam as escolhas do locutor, que tendo ou não consciência, acaba por fazer uso do gênero mais adequado àquela situação. Por exemplo, se estamos insatisfeitos com a orientação de uma revista semanal, podemos escrever ao editor da revista e reclamar, fazendo uso da carta do leitor; se desejarmos fazer uma exposição oral a respeito de determinado

conhecimento científico, fazemos uso do seminário ou de uma conferência.

Assim sendo, observamos que os textos podem ser produzidos em situações e contextos diferentes em consonância com as necessidades de interação verbal e que cada um deles cumpre uma finalidade específica conforme o objetivo do locutor, os interlocutores, o meio disponível para veicular o texto. Quando interagimos com outras pessoas por meio da linguagem escrita ou oral, produzimos os denominados gêneros textuais ligados a diferentes esferas de circulação, (por exemplo, na esfera jornalística gêneros como notícias, reportagens, editoriais, entrevistas, etc.).

A vida social moderna exige que as pessoas desenvolvam habilidades comunicativas que auxiliem na interação, dinamizando positivamente a sua vida social. Alguns exemplos podem ser citados para exemplificar de que forma essas habilidades são exercidas: quando discordamos do valor cobrado numa matrícula escolar, ou mesmo na compra de um produto devemos fazer uma solicitação formal (de forma oral ou escrita), ou mesmo quando precisamos elaborar um anúncio para ser publicado num jornal, rádio, ou quando reclamamos à administração pública pela falta de execução de algum serviço à comunidade. Os exemplos acima citados, que são constituídos de materialidade textual e uma interação humana dentro de um tempo e espaço, pode-se dizer que se constituem num gênero.

Segundo Bakhtin (1997 p.169), “a quantidade gêneros orais e escritos são inesgotáveis, não sendo possível fazer um repertório ou uma lista, pois há sempre novos gêneros sendo criados”.

Os termos gênero e tipo textual são distintos. Para Marcuschi (2003) a expressão “tipo textual” é usada para designar uma espécie de seqüência teoricamente definida pela natureza lingüística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas). Em geral, os tipos textuais abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como: narração, argumentação, exposição, descrição, injunção.

Já a noção de “gênero textual” é usada para mencionar os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sócio-comunicativas definidas como conteúdos, propriedades funcionais, estilo, composição característica. Os gêneros são inúmeros. (MARCUSCHI, 2003).

Os gêneros se entrecruzam, ou seja, as suas especificidades são relativamente estáveis. Isso significa que nem sempre é possível submeter um texto a uma classificação estrutural única, pois há uma infinidade de possibilidades de produção de gêneros, determinada pela variedade de esferas da atividade humana. No texto a seguir, é possível observar a mesclagem entre um poema e uma carta.

O texto abaixo citado *Carta-poema* de Manuel Bandeira exemplifica bem essa afirmação de que os gêneros se entrecruzam: uma carta foi escrita em forma de poema para fazer um pedido ao prefeito.

Carta-poema

Excelentíssimo Prefeito
Senhor Hildebrando de Góis,
Permiti que, rendido o preto
A que fazeis jus por quem sois,

Um poeta já sexagenário,
Que não tem outra aspiração
Senão viver de seu salário
Na sua limpa solidão,

Peça vistoria e visita
A este pátio para onde dá
O apartamento que ele habita
No castelo há dois anos já.

É um pátio, mas é via pública,
E estando ainda por calçar, faz a vergonha da República
Junto à Avenida Beira-Mar!

Indiferentes ao capricho
Das posturas municipais,
A ele jogam todo o lixo
Os moradores sem quintais.

Que imundície! Tripas de peixe,
Casca de fruta e ovo, papéis...

Não é natural que me queixe?
Meu prefeito, vinde e vereis!

Quando chove, o chão vira lama:
São atoleiros, lodaçais,
Que disputam à palma a fama
Das velhas maremas letais!

A um distinto amigo europeu
Disse eu: - Não é no Paraguai
Que fica o grande Chaco, este é o
Grande Chaco! Senão, olhai!

Excelentíssimo prefeito
Hildebrando Araújo de Góis,
A quem humilde rendo preito,
Por serdes vós, senhor, quem sois:

Mandai calçar a via pública
Que, sendo um vasto lagamar,
Faz a vergonha da República
Junto à Avenida Beira-Mar!

Manuel Bandeira. "Carta-poema". In: Estrela da vida inteira. 20. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

O gênero em que o texto de Manuel Bandeira se materializa é híbrido, pois é uma carta em forma de poema, ou seja, um gênero com a forma de outro. Para Marcuschi, "hibridização é a confluência de dois gêneros e este é o fato mais corriqueiro do dia-a-dia em que passamos de um gênero a outro ou até inserimos um no outro, seja na fala ou na escrita". (2006, p.29)

Em nossa sociedade, fazemos uso dos gêneros textuais que nos foram transmitidos sócio-historicamente, no entanto, isso não significa que não seja possível criar gêneros novos ou transformá-los de acordo com as novas necessidades de interação verbal que surgem.

Segundo Marcuschi (2003), a definição de gênero é de natureza sócio-comunicativa, baseada em parâmetros pragmáticos e discursivos (ou seja, o que define um gênero como tal é a sua função, seu propósito comunicativo na sociedade).

3 GÊNEROS TEXTUAIS E ENSINO DE LÍNGUA MATERNA

Faraco (2000) afirma que podemos encontrar em Bakhtin os pressupostos necessários para o ensino de Língua Portuguesa nas escolas, também porque esse autor atribui um novo enfoque para a relação homem/linguagem/sociedade, enfim entender a mudança de concepção de linguagem que seja voltado para o fenômeno de interlocução viva.

“A língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta” (BAKHTIN, 1986), ou seja, a linguagem é como um intercâmbio entre os sujeitos historicamente estabelecidos. Entendemos, a partir de Bakhtin, que a linguagem deve ser entendida como um produto de interação do sujeito com o mundo e com os outros.

A concepção de linguagem de Bakhtin fundamenta uma proposta lingüística pedagógica interacional, portanto, dá um suporte inicial necessário para uma mudança qualitativa no ensino tradicional da língua. A língua é viva, produzida historicamente, e ao mesmo tempo, produtora da história humana. Para Bakhtin, a língua materializa-se nas diversas enunciações, em diferentes situações sociais, através dos gêneros discursivos. O “querer dizer do locutor se realiza acima de tudo na escolha de um gênero discursivo”. (BAKHTIN, 1992, p.301).

O ensino de diversos gêneros que socialmente circulam entre nós, além de ampliar sobremaneira a competência lingüística e discursiva dos alunos, aponta inúmeras formas concretas de participação social.

Um processo de ensino-aprendizagem que priorize o trabalho com os diferentes gêneros do discurso, prepara o aluno para as diferentes práticas lingüísticas, e também amplia sua compreensão da realidade, apontando-lhe formas concretas de participação social como cidadão. Quando um aluno aprende a produzir, por exemplo, uma carta do leitor para ser enviada a um jornal ou revista, toma consciência de que pode como cidadão, manifestar seus pontos de vista, opinar e interferir nos acontecimentos do mundo concreto.

A escola deve trabalhar com os mais diversos gêneros que circulam socialmente como, por exemplo, no jornalismo: a notícia, o editorial, a reportagem, o artigo de opinião, a carta do leitor, etc., para que os alunos

sejam preparados para as situações de interação existentes na sociedade em que vivem e, assim possam agir de forma crítica e consciente em relação a assuntos e situações do dia-a-dia. Os gêneros devem ser periodicamente retomados e seu estudo aprofundado e ampliado, de acordo com a série, com o grau de maturidade dos alunos, com suas habilidades lingüísticas e com a área temática de seu interesse.

Segundo Faraco e Castro (2000), o professor deve incentivar o aluno a refletir sobre as diferenças existentes entre os gêneros, assim como o papel desses no processo social de interação verbal a que ele poderá ser exposto, fora do ambiente escolar.

É possível que até algum aluno, ao se apropriar dos procedimentos que envolvem a produção de crônica, não apresente tanta habilidade quanto outro aluno, mas ele poderá, por exemplo, produzir textos publicitários muito criativos ou ser um ótimo argumentador em debates públicos em textos argumentativos escritos. Por isso, em relação à avaliação das produções textuais dos gêneros, devemos abandonar os critérios quase exclusivamente literários ou gramaticais e deslocar seu foco para outro ponto: o bom texto não é aquele que apresenta, ou só apresenta características literárias, mas aquele que é adequado à situação comunicacional para tanto, aspectos como a adequação ao conteúdo, da estrutura e da linguagem como um todo e o cumprimento da finalidade que motivou a produção.

Bezerra (2005) afirma que em qualquer contexto social ou cultural que envolva a leitura e /ou escrita é um evento de letramento, o que implica a existência de inúmeros gêneros textuais, culturalmente determinados, de acordo com as diferentes instituições e usados em situações comunicativas reais. Os estudos sobre letramento investigam as práticas sociais que envolvem a escrita, seus usos, funções e efeitos sobre o indivíduo e a sociedade como um todo.

Rossi (2003) afirma que a produção escrita implica em atividades de leitura para que os alunos se apropriem das características dos gêneros que produzirão. Por isso, a autora sugere que antes de iniciar um trabalho pedagógico de produção escrita de gêneros o professor deve propor aos

alunos um trabalho didático de leitura, para ocorrer a apropriação do gênero a ser produzido.

Marcuschi (2005) relata que a escrita é usada em contextos sociais básicos da vida cotidiana, como por exemplo, o trabalho, a escola, o dia-a-dia, a família, a vida burocrática, atividade intelectual, em paralelo direto com a oralidade. Em cada um desses contextos, as ênfases e os objetivos da escrita são variados e diversos, fazendo surgir gêneros textuais e formas comunicativas.

O ensino de língua deve oferecer incentivos e meios para que os alunos leiam, desenvolvam a competência de compreender e produzir textos nas mais diversas situações de interação. Enfim, o texto é produto de uma determinada visão de mundo, de uma integração, de um momento de produção histórica e socialmente marcado.

A leitura da literatura de ficção de não-ficção, de jornais, revistas, enfim de vários gêneros que circulam na sociedade é uma forma de oferecer condições para que os alunos ampliem seus conhecimentos e assim possam desenvolver o raciocínio, o senso crítico, a compreensão do real, a curiosidade intelectual, que são essenciais para a constituição de uma sociedade mais politizada.

A partir destas reflexões, o que se pretende é que o ensino de língua materna se torne mais concreto, que o espaço de sala de aula seja um ambiente de interlocução viva entre alunos e professores.

Em vista estas considerações, escolhemos para aprofundamento, neste artigo, dentre os muitos gêneros textuais existentes em nossa sociedade, o gênero *cartas do leitor*.

4 CARTAS DO LEITOR

Bezerra (2005) afirma que o gênero *cartas do leitor* são uma espécie de subgênero carta. Isto porque as cartas têm em comum a estrutura básica, (como por exemplo, o núcleo da carta). No entanto, as cartas são

variadas em suas formas de realização, em seus objetivos, intenções, propósitos (carta pedido, carta resposta, carta pessoal, carta ao leitor...).

As *cartas do leitor* diferenciam-se um pouco das cartas tradicionais por abordarem diretamente o assunto a ser discutido, por serem curtas e não apresentarem as saudações (prezado senhor, querido amigo), nem as despedidas tradicionais (um grande abraço).

Nos jornais e revistas, há um espaço próprio destinado para que as cartas dos leitores sejam publicadas. Quando uma carta é enviada para a publicação, o leitor precisa identificar-se colocando nome completo, o nº. de identidade e endereço e é responsabilizado pelo que escreve. Nem todas as cartas são publicadas, pois passam por uma seleção e podem ser resumidas ou parafraseadas. Cada jornal ou revista segue critérios próprios de publicação.

O propósito comunicativo de uma revista ou jornal pode variar. Os temas podem ser diferentes, assim como um mesmo assunto pode ser abordado de formas variadas. Cada um tem um público alvo (homem, mulher, jovem, criança). Estes fatores influenciam os leitores frente às reportagens, notícias, em outras pedem conselhos, orientações, sobre assuntos relacionados à adolescência: gravidez e relacionamentos pessoais.

A publicação das cartas segue normas, que variam de acordo com cada revista ou jornal, como por exemplo, as que são enviadas à *Revista Veja* devem trazer assinatura, o endereço, o número da identidade e o telefone do autor. A seleção das cartas parte de alguns critérios como clareza, conteúdo, que são adotados pela direção da revista. Também, não há espaço para a publicação de todas as cartas recebidas. Assim, são lidas, analisadas e somente publicadas as selecionadas pelo editor da seção Cartas e pela direção da *Veja*.

Além disso, os objetivos das revistas ou jornais devem ser observados. Não se escreve para uma revista de informação como a *Veja* da mesma forma que se escreve para a revista *Capricho*, como podemos verificar nas seguintes cartas publicadas em julho de 2008:

Galeraa, Capricho, eu gostariaa de pedir novamente que vocês façam uma matéria sobre a luta livre (WWE). Sou fanática e gostaria de saber mais, muito mais desse esporte. Obrigadaa, Bzo Laizinha Hardy

Laizinha Hardy

Campinas-SP

(Revista Capricho, julho de 2008)

A escola de tempo integral melhoraria muito a condição do ensino no Brasil, mas essa não é uma premissa para nossos governantes que alegam falta de recursos financeiros, o que nem sempre é verdade.

Luiz César Pessoa Pinto

Formiga-MG

(Revista Veja, ed. 2069, ano 41, nº. 28, 16 de julho de 2008, p.37)

As cartas dos leitores definem-se como gêneros na medida elas compartilham um determinado propósito comunicativo e estabelecem uma interlocução do leitor com o meio de informação.

Para fins de exemplificação, reproduzimos a seguir alguns títulos utilizados por jornais e revistas para denominar a seção que traz as cartas dos leitores:

Jornais:

- Folha de São Paulo: Painel do leitor;
- Gazeta do Povo: Coluna do leitor;
- O Estado do Paraná: O mural do leitor;
- Folha de Irati: Opinião do leitor.

Revistas:

- Revista Veja: Cartas;

- Superinteressante: Desabafa, solte o verbo;
- Capricho: Diz, Aí.

Enfim, a produção deste gênero proporciona um espaço para que o leitor possa expor seu ponto de vista a respeito de qualquer assunto, apresentar críticas, fazer sugestões, discordar de um ponto de vista, participar da formação da opinião pública.

Bezerra (2005) afirma que as cartas do leitor atendem propósitos comunicativos de elogiar, criticar, opinar, reclamar, retificar, comunicar, agradecer, solicitar, como mostram os exemplos abaixo retirados da Revista Veja em 2008.

- *elogiar:*

A reportagem especial “A vida com instruções” (09 de janeiro) foi um presente para todos que buscam entender a arte da convivência e superar os desafios para iniciar 2008 de bem com a vida.

Hugo Lins Coelho

Recif

e-PE

(Revista Veja, ed. 2043, ano 41, nº. 2, 16 jan.

2008, p. 24)

- *criticar:*

Gostaria de deixar registrada a minha indignação com a postura do governo Lula de mais uma vez aumentar os impostos, sendo que, com a maior cara-de-pau, disse que não iria fazê-lo, mas, sim, diminuiria os gastos públicos.

(“Pacote de maldades” 9 de janeiro”)

Alexandre Cavalcanti

São Paulo-SP

(Revista Veja, ed. 2043, ano 41, nº. 2, 16 jan. 2008, p. 24)

- *opinar:*

Concordo plenamente com Gustavo Loschpe e cumprimento pela oportunidade e clareza com que trouxe à baila um assunto que tem sido omitido nos debates educacionais. O fato de os sindicatos terem como primeiríssimo objetivo defender os interesses salariais dos professores contradiz tudo aquilo que o Brasil mais necessita na área educacional: professores competentes e motivados a ensinar aos alunos os conteúdos que eles precisam aprender e ajudá-los a se organizar para o estudo, tudo isso em ambiente prazeroso, fruto do bom diálogo entre professor e aluno.

Ignez

Martins Tolli

Ph.D. em Educação pela Universidade

de Londres

Brasília-DF

(Revista Veja, ed. 2044, ano 41, nº. 3, 23 jan.

2008, p. 25)

- *retificar:*

Leio toda semana a coluna de Millôr, que considero um ótimo escritor. Mas na desta semana (“As maravilhosas maravilhas da natureza”, 16 de janeiro) percebi um equívoco. Ele se refere às Sete Quedas do Iguaçu, porém elas não existem mais, sumiram com a instalação de Itaipu. O ponto turístico que hoje pode ser visitado se chama Cataratas do Iguaçu.

Leticia Corioletti

Joinville-SC

(Revista Veja, ed. 2044, ano 41, nº. 3, 23 jan.

2008, p. 26)

- *comunicar:*

Em complementação ao quadro “Por que as latas de óleo sumiram” (Veja essa, 16 de janeiro), destaca-se o fato de que a substituição da lata de metálica pela embalagem plástica para o acondicionamento de óleo alimentício decorreu da preferência

do consumidor brasileiro. Além de resistente e transparente, a embalagem PET é escolhida pela dona-de-casa por ser prática e higiênica, contando com a tampa e bico e dosador da quantidade. A maioria dos fabricantes de óleo combustível garante o mesmo prazo de validade para o produto acondicionado em ambas as embalagens, e muitos não utilizam conservantes.

Carlo Lovatelli

Presidente da Associação Brasileira das Indústrias de Óleos

Vegetais (Abiove)

São Paulo-

SP

(Revista Veja, ed. 2044, ano 41, nº.3, 23 jan. 2008, p. 26)

- *agradecer:*

Há cerca de três anos fui a uma dermatologista e, entre outras coisas, ela me disse que o sol só servia para dar câncer, que nem brancos nem negros deveriam se expor a ele, jamais! Que esse negócio de absorção de vitamina D é uma bobagem etc. Eu saí da sala dessa médica totalmente chocada e arrasada, principalmente porque sou apaixonada pelo sol. Portanto, foi com muita alegria que li a reportagem. Os estudos só vieram confirmar o que já sentia na própria pele: o sol me faz muito bem do que mal. Agora, sim, vou poder tomar o meu solzinho com 90% de proteção e 0% de paranóia. E viva o sol, viva o verão, viva o calor!

Adriana Domingues

Diadema-São Paulo

(Revista Veja, ed. 2044, ano 41, nº. 3, 23 jan. 2008, p. 22)

- *solicitar:*

Roberto Civita se expressou com maestria sobre 2007. Cabe à classe dominante seguir ao menos 50% desse formidável escrito, e melhorará muito o nosso país. Que seja respeitada a opinião pública de forma contínua e que nossos políticos honrem seus cargos e assumam suas personalidades em prol da sociedade.

Diógenes

Pereira da Silva

Uberlândia-MG

(Revista Veja, ed. 2043, ano 41, nº. 2, 16 jan. 2008, p. 31)

Por meio destes exemplos, podemos verificar que as funções reais de uma carta do leitor são variadas, já que podem atender a diversos propósitos comunicativos. Em vista disso, compreendemos que o gênero cartas do leitor é capaz de promover o ensino da língua materna dentro de uma concepção de língua como interação entre usuários e de ensino como trabalho produtivo (não repetitivo).

A literatura atual elege o texto como o objeto de ensino de língua portuguesa. No entanto, não é suficiente apenas colocar o foco do ensino e continuar trabalhando com propostas inertes ou mecânicas. É preciso que o professor oportunize o contato dos alunos com os variados gêneros que existem efetivamente na vida em sociedade. Também é necessário que o texto seja compreendido como a concretização da língua, por meio do qual os interlocutores interagem.

Segundo as Diretrizes Curriculares do Estado do Paraná (2008) os gêneros textuais devem orientar a ação pedagógica na sala de aula, uma vez que constituem práticas sociais, ou seja, são atividades humanas exercidas com e na linguagem.

Em vista disso, analisamos a seguir algumas atividades práticas, editadas em livros didáticos sobre o gênero cartas do leitor, que são sugeridas aos alunos.

5 ANÁLISE DE CARTAS DO LEITOR EM LIVROS DIDÁTICOS

DESMONTAGEM do texto

Nos jornais e nas revistas, há um espaço reservado para o leitor dar sua opinião, fazer sugestões, apresentar críticas, discordar de um ponto de vista. Enfim, é um espaço de que o leitor dispõe para expor seu ponto de vista a respeito de qualquer assunto, podendo assim participar da formação da opinião pública.

Os textos que você leu constituem algumas das muitas cartas de leitores que jornais ou revistas veiculam diariamente.

1. Cada uma dessas cartas tem assunto e objetivo diferentes. Escreva o assunto e o objetivo da carta de:

- a) Déborah K. Alves Cordeiro;
- b) Stephanie Jollo Soares;
- c) Rafael S. Freitas;
- d) Victor V. R. de Souza;
- e) Manuelle Tomaz Oliveira.

2. Você, com certeza, gostou de algumas dessas cartas e não gostou de outras.

- a) Qual dessas cartas você assinaria como sua? Por quê?
- b) Qual dessas cartas você não assinaria como sua? Por quê?

3. Leia um jornal de sua cidade ou região.

Procure a seção de cartas.

Escolha uma carta que você achou, por algum motivo, interessante e mostre a seus colegas.

MONTAGEM de textos

Uma das formas que você tem para tornar pública a sua opinião, a respeito de fatos que acontecem ou de opiniões de outras pessoas, é escrever para um jornal ou revista fazendo comentários, análises ou críticas.

Escreva uma carta ao jornal de sua cidade ou de sua região.

Os jornais, as revistas, o rádio, a televisão noticiam e comentam muitos fatos. Em alguns casos, você concorda com o que foi dito; em outros casos, você discorda.

Escreva para o jornal de sua cidade dando opinião, fazendo críticas ou simplesmente expondo um comentário a respeito de algum acontecimento que você julga muito importante.

Se você preferir, pode enviar sua carta em conjunto com outros colegas. Nesse caso, todos deverão assinar a carta que será remetida para o jornal ou para a revista.

Primeira etapa — PREPARAÇÃO

1. Consulte a seção de cartas que existe na maioria dos jornais e das revistas. Veja como são escritas e os assuntos de que tratam.
2. Antes de começar a escrever a carta, especifique:
 - a) assunto da carta;
 - b) objetivo da carta;
 - c) destinatário (Para quem você vai escrever?);
 - d) linguagem (familiar ou formal).

Segunda etapa — ESCRITA DO TEXTO

Terceira etapa — REVISÃO DO TEXTO

A sua carta, com certeza, será lida por muitas pessoas. É importante, por esse motivo, que seja bem escrita. Para isso, antes de enviá-la, faça uma revisão cuidadosa do texto, observando **comprovação, clareza e correção**.

- a) **Comprovação** — Ao dar uma opinião sobre um determinado assunto, não se preocupe apenas em dizer o que você acha, mas sobretudo em provar o seu ponto de vista, explicando o porquê.
- b) **Clareza** — Verifique se as frases estão bem escritas, transmitindo de forma clara e precisa a informação. Evite frases muito longas e a repetição desnecessária das mesmas palavras.
- c) **Correção** — Releia o texto, observando atentamente a grafia e acentuação das palavras, bem como o uso correto dos sinais de pontuação.

Quarta etapa — ENVIO E PUBLICAÇÃO DA CARTA

1. Envie a carta para quem você escreveu.
2. Publique essa carta numa das seções do seu jornal.

Nesta proposta o autor não introduz o assunto a ser trabalhado, iniciando já com vários exemplos com assuntos diferenciados, veiculados em diferentes meios de comunicação, (*o Estado de São Paulo, Veja Kid+, Ciência hoje das crianças*).

Um breve comentário sobre as *Cartas do Leitor* é feito na segunda etapa da proposta (Desmontagem do Texto). No entanto, o autor apenas define o gênero e passa para algumas atividades com respostas bastante óbvias (*Escreva o assunto e o objetivo da carta de Débora K. Alves Cordeiro...*).

A última parte da proposta é a Montagem de Textos. Nesta seção, são oferecidos passos para a produção de uma *Carta do Leitor* : preparação, escrita do texto, revisão do texto, envio e publicação da carta. No entanto, nesta atividade percebemos que o objetivo maior é simplesmente propor um exercício para os alunos executarem, sem um aprofundamento sobre o gênero textual *Cartas do Leitor*, suas especificidades, sua função social, etc.

Um dado incoerente encontrado na última etapa das atividades é: *Publique essa carta numa das seções do seu jornal*. O problema encontrado nesse enunciado é que não são os alunos os responsáveis por publicar as cartas em jornais e sim os editores e responsáveis pelos meios de comunicação, sendo que alguns critérios para a publicação são seguidos e que, portanto, nem todas as cartas enviadas são publicadas. Os alunos precisam saber destas questões quando redigem uma *Carta do Leitor* .

Enfim, esta atividade com o gênero *Cartas do Leitor* contribui para o desenvolvimento lingüístico do aluno. Contudo, cabe ao professor adaptá-las em alguns pontos, como por exemplo, fazer a relação entre uma notícia original e a carta produzida pelo leitor.

Atividade 2



Produção de texto

CARTA DO LEITOR

Na seção anterior, você produziu um **texto persuasivo**, utilizando linguagem verbal e não-verbal. Vamos agora ver um outro tipo de texto, que também recorre a argumentos e também pretende que o leitor considere o ponto de vista apresentado. Porém, no que veremos agora, o mais importante é expressar uma **opinião**, posicionar-se diante de um fato. Por isso, dizemos que textos com esse objetivo são **opinativos**. Artigos, editoriais, cartas do leitor, charges são gêneros em que se privilegia a tomada de posição diante de determinado assunto.

Vamos analisar mais detalhadamente o gênero “**carta do leitor**”. Muito presentes em jornais e revistas, essas cartas vêm sempre assinadas e aparecem em seções dedicadas à publicação da opinião dos leitores, seja a respeito de medidas do governo, de acontecimentos cotidianos que atingem a população ou de artigos, editoriais ou opiniões de outros leitores. No jornal *Folha de S. Paulo* a seção chama-se **Painel do leitor**. Foi dela que retiramos as três cartas a seguir, que se posicionam diante de diferentes manifestações de preconceito. Veja:

A seção de cartas do leitor tem como objetivo conceder espaço para que os leitores expressem seus pontos de vista. A prioridade é dada a cartas que discutam assuntos **gerais** (políticos, econômicos, culturais, comportamentais) e que provoquem interesse no conjunto da sociedade. As cartas devem ser assinadas, apresentando o nome do missivista [autor da carta] por extenso e conter localidade de origem.

(Manual de Redação da *Folha de S. Paulo*.)

Ver sugestões de perguntas para primeira abordagem das cartas no Manual do Professor.

O preconceito contra ritmos populares, como o pagode, implícito na opinião de Tom Zé, reflete outros preconceitos: de classe, de cor e de cultura (Ilustrada, 30/3). O povão canta aquilo que entende. Metáforas e versos mirabolantes — os de Chico Buarque, por exemplo — falam de um amor intelectualizado, para doutores entenderem. Os pagodes falam do cotidiano, numa linguagem simples, para pessoas descomplicadas, mas nem por isso menos inteligentes.

A arte engajada sabe ser desagradável, enfadonha e pedante na maioria das vezes. O povão sabe o que dói na pele: a desigualdade social. E as mulheres não precisam de que nenhum intelectual politicamente correto lhes abra os olhos para verem a existência do desprezo a elas.

O povão não é idiota. Vai continuar ouvindo Leci Brandão e Belo, porque eles possuem a linguagem do diálogo popular dos amores mal correspondidos e das dores de cotovelo dessa vida. Outros cotovelos doem por isso, não é mesmo?

(M.S.A.J., socióloga – Belo Horizonte, MG. In: *Folha de S. Paulo*, 31 mar. 2001.)

Sou deficiente visual e leio a *Folha* pela Internet por meio de um programa de síntese de voz. Gostaria de manifestar minha indignação em relação à coluna de Danuza Leão de 13/2. Fiquei profundamente chateada e decepcionada com o texto.

Nele, as pessoas com deficiências são vistas como essencialmente dependentes, necessitadas de cuidados especiais e incapazes de se relacionarem com outras em pé de igualdade. Quanto preconceito, não? Hoje em dia, muito se tem falado sobre a autonomia dessas pessoas e sobre a possibilidade de elas exercerem plenamente a condição de cidadania, já que possuem direitos e deveres semelhantes aos de qualquer indivíduo. Entretanto o artigo contraria esse princípio, reforçando estigmas e generalizações equivocadas.

Em um dado momento, a autora afirma nunca ter se deparado com um casal formado por uma mulher com deficiência e um homem sem deficiência. Certamente ela deve conhecer muito pouco sobre esse universo, já que existem vários exemplos de casais assim compostos.

Mas a questão central não está na existência deles, e sim na concepção subjacente ao texto! É bem possível que, em um relacionamento, a pessoa com deficiência seja mais independente e mais provedora do que aquela dita “normal”. Por que não? Mas a discussão da autora não alcança essa possibilidade e fica restrita ao nível dos rótulos baseados no senso comum!

(F.F.G.B. — Campinas, SP. In: *Folha de S. Paulo*, 16 fev. 2005.)

O colunista Luís Nassif deixou de lado tudo que sabe ou deveria saber para escrever seu artigo sobre a ameaça do racismo negro (“Racismo negro”, *Dinheiro*, 4/3). Ele esqueceu os dados oficiais que já desmontaram faz tempo a imagem de que somos uma democracia racial. Onde 70% dos pobres são negros, há evidência de racismo, ou será que ele defende que os negros são culpados pela situação em que se encontram? Precisamos, e há muita gente trabalhando seriamente nesta direção, de ações concretas, governamentais ou não. Conversa de botequim, portanto, não ajuda em nada... Sugiro que da próxima vez ele trate o assunto mostrando dados da realidade econômica dos negros, o quanto isso custa ao país e ao nosso desenvolvimento. Se um dia a conversa do botequim for outra, quem sabe a convivência entre brancos e negros possa se dar também em outras esferas (universidades, jornais, empresas, governos...), em um país racialmente democrático, que transforma nossas diferenças num grande ativo, e não em desigualdades intoleráveis?

(R.B. — São Paulo, SP. In: *Folha de S. Paulo*, 7 mar. 2005.)



Produzindo seu texto

Sugerir trabalho individual ou em grupo, conforme lhe parecer mais adequado à classe.

Nosso trabalho será realizado em duas etapas:

1ª etapa: **Discussão oral**

Sugerir aos alunos que façam pesquisa, na biblioteca ou na Internet, para fundamentar suas posições.

Vocês vão produzir (individualmente ou em grupos) um pequeno texto relacionado ao assunto que vimos discutindo nesta Unidade. Vocês podem se posicionar:

- defendendo ou recusando a afirmação de que o brasileiro não é um povo preconceituoso;
- manifestando opinião (individual ou do grupo) a respeito de diferentes formas de preconceito: contra a mulher, o migrante, o idoso, o homossexual, o deficiente, o jovem, o estrangeiro... Podem ainda abordar preconceito racial, social ou lingüístico ou posicionar-se diante do preconceito presente em programas televisivos, nas piadas ou na escola. Lembrem-se de utilizar argumentos, exemplos, números para apoiar o ponto de vista assumido.

2. Pronto o texto, cada grupo lerá para a classe o que produziu (ou, se o trabalho tiver sido individual, escolherá um entre os produzidos pelo grupo).

Os alunos dos demais grupos ouvirão com atenção cada leitura, anotando os pontos que lhes parecerem mais importantes. Depois, o professor abrirá um espaço para que todos possam concordar, discordar, acrescentar dados, apresentar outros argumentos contra ou a favor dos temas abordados pelos colegas.

2ª etapa: Redigindo o texto

1. Terminada a discussão, os grupos se reunirão novamente para escrever uma carta para a seção **Painel do Leitor**, comentando um dos pontos abordados na discussão anterior, escolhido pela equipe.

Depois da produção da carta, vocês a encaminharão para outro grupo, que analisará e comentará o texto. Aproveitem as sugestões e redijam a versão final.

Insistir na importância de guardar o material produzido.

Terminada a atividade,
guardem as cartas na
pasta da revista.

Para escrever uma boa carta do leitor:

- escolham um tema que apresente pontos interessantes para refutar ou apoiar;
- expressem a opinião sobre os pontos abordados e sobre o tema em geral;
- procurem relacionar o tema geral a algum acontecimento do bairro ou da cidade, ocorrido recentemente, que justifique a carta;
- justifiquem os pontos de vista que assumirem;
- assinem a carta, identifiquem o grupo (alunos de um bairro de uma metrópole, moradores de uma cidade ribeirinha, participantes de um grupo de jovens interessados em um assunto específico) e a cidade de onde escrevem;
- dirijam a carta ao responsável pela seção: Sr. Redator, Caros jornalistas...

Dialela Delmanto e Maria Conceição Castro, *Português Idéias e Linguagens*, 8ª série p. 20, 21, 12 ed. Reformulada –São Paulo: Saraiva, 2006.

Essa proposta de atividades com *cartas do leitor* apresentada no quadro acima estimula o aluno para a produção de textos. Primeiramente é feita uma boa explanação sobre o gênero, enquadrando-o numa prática social. Isso ocorre quando as autoras citam que o gênero está presente em jornais e revistas e traz opiniões a respeito de acontecimentos diários que atingem a população. Os autores do livro didático apresentam exemplos com três cartas retiradas do *Jornal Folha de São Paulo* da seção: *Painel do Leitor*. A atividade traz informações do Manual de Redação da Folha de São Paulo que são extremamente importantes, como: objetivo do jornal; assuntos que chamam mais atenção dos leitores; as cartas devem

ter identificação (ser assinadas e conter nome por extenso com localidade de origem).

Os exemplos citados e as orientações são importantes subsídios para que os alunos produzam as suas cartas. Para Antunes, as propostas de produção textual precisam “corresponder àquilo que, na verdade, se escreve fora da escola e assim sejam textos de gêneros que têm uma função social determinada, conforme as práticas vigentes na sociedade.” (ANTUNES, 2003, p.62-63).

Percebemos que, na atividade ilustrada, o trabalho de produção é sugerido em duas etapas, sendo inicialmente sugerida uma discussão oral. Existe uma incoerência no enunciado desta atividade, pois é pedido que os alunos produzam um texto escrito (individualmente ou em grupo), relacionado ao assunto preconceito, em que os alunos podem posicionar-se defendendo ou recusando a afirmação de que o brasileiro não é um povo preconceituoso, ou manifestando opinião a respeito de várias formas de preconceito. Os questionamentos poderiam servir apenas para debate oral e discussões, como forma de estímulo para a produção escrita numa outra etapa.

Os autores sugerem no livro didático do professor e não dos alunos uma pesquisa para fundamentar os argumentos. Depois de pronto o texto, cada grupo apresenta o que produziu, ocorrendo a leitura e a reflexão, dando espaço para a exposição oral dos argumentos.

Na segunda etapa da proposta, os autores sugerem que os alunos se reúnam novamente, em grupo para escrever uma carta para a seção *Painel do Leitor*, ou seja, percebe-se que as cartas produzidas terão um destinatário: *Jornal Folha de São Paulo*, evidenciando que a produção textual se apresenta como uma unidade dialógica.

Percebemos que os autores apenas propõem aos alunos trabalhos em grupos e nenhum individualmente e há também poucas indicações para outras leituras. Apesar disso, essa proposta de produção de texto corresponde às expectativas de um ensino em que há um processo de interação social que exige que se considerem aspectos sociais e históricos em que o sujeito está inserido.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Face às discussões realizadas, percebemos que o trabalho com as *Cartas do Leitor* favorece o processo de ensino-aprendizagem de língua materna. Este gênero é capaz de proporcionar aos alunos atividades de ensino interativas, além de possibilitar a discussão de temas da atualidade, contribuindo para a formação de jovens conscientes, críticos e ativos na sociedade.

Portanto, é necessário que o professor oportunize o contato dos alunos com os variados gêneros que existem efetivamente na vida em sociedade, especialmente com as *Cartas do Leitor*, considerando o texto como a concretização da língua, por meio do qual os interlocutores interagem.

Percebemos, com a análise das atividades, que o gênero *Cartas do Leitor* já vem sendo tratado de forma eficiente nos livros didáticos, contribuindo para o trabalho do professor em sala de aula.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro e interação**. 2 ed. Parábola, 2003.

BAKHTIN, Mikhail (VOLOCHINOV, V. N). **Marxismo e Filosofia da linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi. São Paulo: Hucitec, 1986.

BAKHTIN, Mikhail (VOLOCHÍNOV, V. N). **Marxismo e Filosofia da linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

_____. Gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BANDEIRA, Manuel. In: **Estrela da vida inteira**. 20. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BRAIT, B. **Bakhtin, dialogismo e construção de sentido**. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

BEZERRA, Maria Auxiliadora. Por que cartas do leitor na sala de aula? In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. **Gêneros textuais e ensino**. 3. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

CARVALHO, Regina Célia, LIMA Paschoal (orgs) **Leitura: Múltiplos Olhares**. Ed. Mercado de Letras Edições e Livraria Ltda, 2005.

DELMANTO, Dialela; CASTRO, Maria Conceição. **Português Idéias e Linguagens**, 8ª série, ed. Reformulada- 2006- 1ª tiragem 2007, Ed. Saraiva.

FARACO, C. A.; CASTRO, G. **Por uma teoria lingüística que fundamente o ensino de língua materna**. In. Educar em Revista. Curitiba, v. 15, 2000.

FARACO, C. A.; TEZZA, Cristóvão. **Oficina de Texto**. São Paulo: Vozes, 2001.

LOPES-ROSSI, M.A.G. (Org.) **Gêneros discursivos no ensino de leitura e produção de textos**. Taubaté: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2003.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita autografado**. São Paulo: Cortez, 2001.

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A R.; BEZERRA, M. A.(Orgs.) *Gêneros textuais & Ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita**. São Paulo: Cortez, 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. **Gêneros textuais e ensino**. 3. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita - atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2006

MEURER, José Luiz, MOTTA- ROTH Désirée.(orgs) **Gêneros textuais e práticas discursivas**. São Paulo-SP: Edusc, 2002.

PARANÁ, Secretaria de Estado de Educação. **Diretrizes Curriculares de Língua Portuguesa para os anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio**, Curitiba: SEED, 2008.

PIVOVAR, Altair. **O parlamento das galhas** In. Educar em Revista. Curitiba, n.20, p.87-105.2002. Ed. UFPR

REVISTA CAPRICHOS. São Paulo: Ed. Abril, 2008. Semanal.

REVISTA VEJA. São Paulo: Editora Abril, 2008. Semanal.

SARGENTIM, Hermínio. **Montagem e desmontagem de textos**. 1ª ed. São Paulo: Ibepe, 1999.